



**O PÓS-ABOLIÇÃO EM BOTUCATU: VISÕES SOBRE OS NEGROS A PARTIR DO
JORNAL *O BOTUCATUENSE***

**POST-ABOLITION IN BOTUCATU: VISIONS OF BLACKS FROM THE
NEWSPAPER *O BOTUCATUENSE***

Gustavo Silva de Souza¹

RESUMO

Este artigo busca apresentar o jornal *O Botucatuense* como fonte primária de pesquisa para se estudar as visões sobre os traços culturais africanos em desenvolvimento na cidade de Botucatu (SP) nos anos finais do século XIX. Para tanto, a pesquisa se embasou na história por meio da imprensa, a qual permitiu atestar os mecanismos utilizados pelo jornal para informar, mas também influenciar a visão do leitor. Ao tratar de negros e pardos, essas ferramentas eram utilizadas para selecionar quais seriam descritos, e como seriam representados. A partir disso, fez-se uso das metodologias críticas da história social para perceber como a religiosidade, a cultura e o trabalho foram ferramentas de resistência utilizadas por esses indivíduos e como, ao mesmo tempo, a violência e marginalização foram entraves constantes em sua fixação em Botucatu. Desse modo, esse trabalho se apresenta não como uma conclusão sobre o tema, mas como uma peça de um mosaico maior ainda a ser construído sobre a história crítica a respeito de Botucatu e seu entorno.

Palavras-chave: Botucatu – Irmandades – Jornal – História local – Negros

ABSTRACT

This article seeks to present the newspaper *O Botucatuense* as a primary research source for studying the views on African cultural traits developing in the city of Botucatu (SP) in the late 19th century. To this end, the research was based on history through the press, which allowed us to see the mechanisms used by the newspaper to inform, but also to influence the reader's view. When dealing with black and brown people, these tools were used to select which ones would be described and how they would be represented. Based on this, we used the critical methodologies of social history to understand how religiosity, culture and work were tools of resistance used by these individuals and how, at the same time, violence and marginalization were constant obstacles to their settling in Botucatu. In this way,

¹ Graduando do 4º ano de curso de História pelo UNISAGRADO, Bauru-SP. Artigo realizado para as disciplinas de História Contemporânea e Metodologia de Pesquisa em História, sob a orientação da Profª Drª Lourdes M. C. Feitosa e do Profº Drº Roger M. M. Gomes. E-mail: gugass98@gmail.com.



this work is not presented as a conclusion on the subject, but as a piece of a larger mosaic yet to be built on the critical history of Botucatu and its surroundings.

Keywords: Botucatu - Brotherhoods - Newspaper - Local history - Blacks

INTRODUÇÃO

A proposta principal desta pesquisa é a de observar os traços sociais e culturais das pessoas negras e pardas em Botucatu ao final do século XIX a partir da fonte periódica *O Botucatuense*, dirigido por Avelino Carneiro e escrito por colaboradores diversos. A partir da análise do jornal foi possível extrair, para além da questão negra, os costumes sociais do período, bem como a economia e o desenvolvimento urbano que a região passava durante o início da República, além da própria visão do jornal a respeito de sua sociedade, época e política. Assim, essa pesquisa se insere em um campo maior de análise histórica a respeito de Botucatu e seu entorno.

Mas, por que escrever a história de uma cidade?

Essa talvez seja a principal pergunta a ser feita ao tentar abordar as cidades interioranas do Estado de São Paulo. Qual a necessidade ou a relevância de se entender um campo tão pequeno e singular? Essas perguntas são feitas porque há ainda pouco interesse nas possibilidades que a História Local - enquanto uma abordagem² histórica - pode apresentar para que se entenda não apenas o contexto específico de uma determinada região, mas também para compreender o próprio cenário nacional e como ele mesmo adentra e se molda nos diversos territórios do país. A partir disso, podemos compreender que a história local vai além de entender as várias peculiaridades e especificidades de cada território, e é também um meio para que se perceba na prática elementos mais gerais da vida e do desenvolvimento humano, como o trabalho e a cultura (NEVES, 1997).

Botucatu, ao final do século retrasado, era povoada por indivíduos de cargos e posições sociais diversas: lavradores, imigrantes, músicos, comerciantes, jornalistas, cafeicultores, fazendeiros, pessoas recém libertas da escravidão etc. (*O Botucatuense*, 1 ago. de 1897). Essas

² Por abordagem histórica deve-se entender aquilo que apresenta João D'Assunção Barros, ou seja, um campo de observação específico (no caso Botucatu e Região) adotado pelo historiador em sua pesquisa (BARROS, 2005, p. 4).



profissões e posições nos indicam uma região que estava em plena urbanização e desenvolvimento, noções tão caras ao governo republicano recém instaurado, e à lógica positivista que o acompanhava. Com a Proclamação da República em 1889, o Brasil passou por um período de grandes mudanças e instabilidades políticas, além de uma ascensão econômica gerada pelas lavouras de café (GODOI, 2009, p.15). Esses fatores foram essenciais para o desenvolvimento da Região Sudeste, em especial o Estado de São Paulo e seu interior, o que inclui Botucatu e sua população. Mas, como construir a história dessas pessoas?

Para trabalhar as camadas populares, a dimensão historiográfica³ adotada por essa pesquisa foi a História Social, entendida como um meio de estudar personagens e grupos marginalizados, e assim explorar quais atividades culturais e econômicas eram praticadas pelos negros botucatuenses retratados pelo jornal. Isso porque quando se trata dos negros e sua cronologia na região, há um espaço pouco preenchido pela história crítica⁴ entre a libertação, em 1888, e os tempos que se seguem à abolição em Botucatu, o que gera questionamentos a se considerar: para onde foram? Como eram vistos? O que faziam agora que estavam livres? À vista disso, esta pesquisa se propõe a tensionar as visões sobre os negros de Botucatu recém-libertos da escravidão, para assim tentar compreender como essas pessoas existiam em meio a uma sociedade que ao mesmo tempo em que pendia a ideais progressistas de liberdade, também possuía um caráter eugenista de exclusão e de repressão das populações pretas.

Para analisar esse momento, foi escolhida a documentação jornalística, tendo em vista seu potencial de observação de relatos cotidianos sobre o trabalho, economia, política e violência das cidades (LAPUENTE, 2015). Porém, é preciso pontuar que como toda fonte histórica, a periódica possui suas peculiaridades e perigos, especificamente em relação aos jogos de interesse político que perpassam a escrita dos diretores e colaboradores, a seleção arbitrária de notícias e a supressão de outras que não vão de encontro aos desejos do jornal (LUCA, 2018, p. 129). Isso quer dizer que a análise realizada não foi capaz de observar a totalidade da população negra em Botucatu, mas uma parcela selecionada a aparecer nas páginas do noticiário.

³ Ainda seguindo o que aponta Barros, por dimensão se entende um modo selecionado pelo pesquisador de visualizar o objeto em estudo, no caso essa visão se norteará pelos aspectos sociais e culturais apresentados pela fonte de pesquisa (*Ibid.* p. 4).

⁴ Essa afirmação é feita, pois já existem trabalhos produzidos sobre os negros durante o período escravista e no século XX em Botucatu (DONATO, 2008); (FIGUEIROA, 2016); (PINTO, 1994); (SILVA, 2004).



Desse modo, o periódico selecionado para a pesquisa se intitula *O Botucatuense*, dirigido por Avelino Carneiro e escrito por colaboradores diversos de 1893 a 1916. Ele foi utilizado como fonte primária de observação dos costumes e visões sobre a população negra nos anos de 1897, 98 e 99. O jornal foi propício à análise por ainda não existirem muitos textos acadêmicos que o tivessem como fonte de estudo⁵, então com ele há a possibilidade de uma nova perspectiva sobre a história da cidade durante o final do século XIX, como ela estava se desenvolvendo, quais os costumes da população e quais os interesses do diretor em relação aos jogos políticos da região.

A escolha da periodicidade se deu por dois motivos principais, a falta de conservação de jornais mais antigos próximos aos anos iniciais do periódico, e as diversas mudanças ocorridas referentes à população negra durante esses anos, como a sua presença em eventos festivos e a ocupação da primeira matriz da cidade por esses indivíduos.

A mentalidade de progresso e liberdade promovida pelos ideais liberais adentrava nos escritos da folha, o que influenciava no modo como *O Botucatuense* apresentava as notícias nacionais e locais, bem como também tendenciava a ótica sobre os costumes populares, nos quais também englobavam os costumes dos negros. Toda essa visão, no entanto, era ao mesmo tempo contrastada pelos pensamentos de uma sociedade que, por quatrocentos anos, manteve uma economia escravista, o que fez com que os relatos sobre negros e pardos da cidade também fossem afetados por essa concepção de mundo.

Dada essa introdução, podemos aprofundar mais a temática e começar a esmiuçar os tópicos a serem discutidos.

O PERIÓDICO E AS VISÕES SOBRE O PASSADO

O Botucatuense foi criado por Avelino Carneiro em 1893, com o subtítulo “órgão consagrado aos interesses do município”, teve diversas interrupções durante o início do século XX, encerrando seus serviços em 1924, já sob a direção de Batista de Santis (GODOI, 2009,

⁵ A esse respeito, há a tese de Lidiany Cristina de Oliveira Godoi na qual há uma análise do “O Botucatuense” enquanto fonte primária de estudo para os centros escolares de Botucatu: GODOI, L. C. O. **Botucatu e a expansão do ensino na Primeira República: história do Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida (1895-1920)**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2009.



p.12). Suas edições saíam todo domingo, escritas pelo próprio diretor e por colaboradores diversos, como médicos, educadores, cafeicultores, engenheiros etc. Com uma estrutura de quatro páginas⁶, era preenchido por notícias corriqueiras sobre os acontecimentos da cidade (crimes, eventos, nascimentos e mortes), informes legislativos, notícias externas (regionais, nacionais e internacionais), colunas de humor e, por fim, anúncios do comércio local.

A renda de Avelino provinha, além desses anúncios, das assinaturas anuais que vendia, as quais custavam 10\$000 para moradores da cidade e 12\$000 para assinaturas exteriores. Outra forma de ganho provinha da Casa Carneiro, sua loja de artigos de papelaria e objetos festivos.

Durante o século XIX, Botucatu já se apresentava como uma cidade em processo de urbanização (PUPO, 2002, p. 107), com instalação de luz elétrica, reformas em prédios antigos (como sua cadeia) e a construção de uma nova Matriz (atual Catedral). Nesse sentido, suas duas principais ruas (as primeiras a serem traçadas) eram a Curuzu e Riachuelo (hoje Rua Amando de Barros), dedicadas principalmente ao comércio local. O jornal transitou por essas duas ruas durante os três anos pesquisados (O Botucatuense, 8 jan. 1899), e era produzido na já citada Casa Carneiro. Mas qual era a importância do diretor em relação a cidade?

Avelino Carneiro é uma incógnita frente aos textos mais recentes. Quando é citado nos livros de História de Botucatu, pouco tempo é perdido em tentar explicar quem foi o sujeito ou qual o seu papel na cidade, e seu jornal é brevemente aludido para logo ser ofuscado por jornais mais recentes, como o Correio de Botucatu (DONATO, 2002, p.224). A princípio, isso poderia nos direcionar a ideia de que Carneiro foi alguém pouco relevante durante o desenvolvimento da cidade. E, por mais que essa ideia não possa ser descartada, o que se apresenta nas páginas dos jornais contrasta com essa primeira tese, pois Carneiro frequentava festas da elite botucatuense, participava das reuniões na Câmara Municipal, e frequentemente era convocado a participar de julgamentos no júri da comarca (O Botucatuense, 10 jan. 1897). Faz sentido, portanto, que seu público-alvo seja exatamente essa elite.

O jornal de Avelino possuía uma postura favorável aos ideais republicanos⁷ do período, e não são raras as notícias de apoio a outras folhas de mesma postura, colunas dedicadas às

⁶ Excedendo-se em meses eleitorais, nos quais podia contar com duas páginas adicionais para abarcar os nomes dos eleitorados.

⁷ Essa postura começa tímida em 1896, mas torna-se cada vez mais clara a ponto de, a partir de 1906, o subtítulo do jornal já aparecer como “órgão do partido republicano” (O Botucatuense, 4 fev. de 1906).



novidades científicas⁸ ou mesmo críticas aos monarquistas. Isso vale também para a questão local, pois o jornal também se tornou um meio de enaltecer políticos pertencentes ao Partido Paulista Republicano (PRP) de Botucatu, como no caso de Dr. Cardoso de Almeida (*O Botucatuense*, 17 jan. 1897). O que nos importa, referente a essas informações, é que essas ideias premeditaram o direito à liberdade de qualquer indivíduo, o que, em tese, acabava por englobar pessoas negras. Como será apresentado à frente, essas noções, no entanto, eram visivelmente contrastadas às noções racistas do regime escravocrata que vigorava no Brasil até uma década atrás.

Com essas reflexões, podemos observar que a pesquisa a partir da imprensa premedita cuidados próprios, e que essa fonte possui limitações referentes a quantidade de informações que podem ser extraídas e criticadas. No caso do *O Botucatuense*, vê-se como as noções de progresso e liberdade circundam a sua escrita ao mesmo tempo em que o jornal tinha como objetivo trazer notícias de interesse ao povo, o que na realidade configurava uma parcela pequena de Botucatu: branca, letrada e abastada.

Nesse sentido, fica evidente que os negros não eram entendidos como público-alvo dessas notícias. Apesar disso, veremos que eles eram noticiados em momentos específicos no jornal, e perpassados por essa lente progressista de Avelino. É a partir dessas notícias que podemos observar possíveis costumes, traços e resistências dessas pessoas no pós-abolição.

A CULTURA NEGRA DESCRITA NO JORNAL

A história dos negros em Botucatu carece de mais fontes e pesquisas⁹ que busquem resgatar suas memórias, vivências e traços culturais. Essa pesquisa é apenas uma tentativa de fazê-lo por meio de uma fonte que não lhes pertencia e não os protagonizaram, então é importante ressaltar que o que foi encontrado aqui é meramente uma peça de um mosaico maior, ainda a ser construído. Como foi apresentado no tópico anterior, a vivência preta não era o foco das notícias do *O Botucatuense*, que estava preocupado em atender os interesses de

⁸ O jornal apresentou durante o 1896 e 1897 discursos de caráter higienista, e podem ainda ser analisados por uma pesquisa a parte sobre o tema.

⁹ Sobre isso, existe o livro “Processos-crime: escravidão e violência em Botucatu” de Cesar Mucio Filho, o qual busca entender a história das pessoas escravizadas na cidade por meio de fontes judiciais. SILVA, Cesar Mucio. **Processos-crime: escravidão e violência em Botucatu**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2004.



uma elite branca e farta. Ainda assim, Avelino dedicou algumas de suas notícias a eles, e são esses resquícios que nos possibilitam observar os seus costumes e como eram avaliados pelo periódico.

Através da investigação das notícias, foi possível perceber que a presença dos negros no jornal possuía um certo padrão de seleção, pois aparecem - em sua maioria - em três momentos específicos: o feriado de 13 de maio, a Semana Santa, e em notícias corriqueiras sobre alcoolismo, violência ou morte. Além dessa frequência, é possível perceber que a visão do jornal transita entre positiva e negativa de acordo com essas notícias, e é aí que podemos ver o contraste nas ideias progressistas e o imaginário racista do período.

A primeira notícia encontrada nos jornais sobre indivíduos negros nos aponta para essa segunda visão, e conta sobre duas mulheres que estavam participando de uma festa localizada no “Quilombo”, e foram posteriormente presas pela autoridade local. O título da notícia é “vagabundas”, e se encontra no canto inferior direito da primeira página, diminuta frente às notícias maiores. Ela diz:

Cosinheira e creados não há e no entretanto lá no Quilombo o Delegado de Policia encontrou um bando de garbosas pretas que levam o dia e noite bailando ao som da sanfona e aos vapores da pinga. Que balburdia houve por lá quando se apresentou a autoridade! Todas eram empregadas, mas não puderão dizer o nome dos seus patrões. Lá se foram divertir a sombra do xadrez. (O Botucatuense, 7 fev. 1897).

Somente essa notícia já nos diz muito não só sobre o jornal, mas também sobre as próprias válvulas de escape desses indivíduos negros.

O texto apresenta de maneira jocosa frente a essas mulheres, e contrasta o seu divertimento com a falta de empregadas domésticas e cozinheiras, além de concordar com a chegada das autoridades e a decisão de encarcerá-las. Porém, para além dessa visão, a notícia também nos permite vislumbrar um momento de distração dessas pessoas, o qual era composto por música, bebidas e dança, em um local específico. Por fim, a decisão de pôr em caixa alta a letra “Q” em Quilombo nos faz refletir se de fato havia um nas redondezas de Botucatu, ou se o termo foi apenas utilizado para referenciar um local de encontro fixo dessas pessoas.



Infelizmente, esse termo não é repetido em outras notícias, e, portanto, não há como avançar (ao menos por meio dos jornais) nesta primeira possibilidade¹⁰.

Acerca da visão do poder policial frente a essas pessoas, é possível pensar que o que estavam fazendo era meramente apaziguar uma desordem local. No entanto, já na próxima página desta edição há uma notícia que mostra que o problema é, na realidade, de cor. Ao nos apresentar uma discussão entre um casal de negros que acabou em agressão, o jornal demonstra como a polícia decidiu agir: “O preto Benedicto de Barros gosta da caninha e bem *tocado* foi a sua casa. A sua mulher porém, é que não gosta disso, e após de ligeiras *prosas* do marido pespega-lhe uma pancada na cabeça. Foram ambos presos” (*Ibid.*).

A prisão de ambos frente a uma violência que não é descrita com maior gravidade nos faz refletir no porquê da necessidade dos dois serem encarcerados. Como no caso anterior, a hipótese principal diz respeito a sua etnicidade, e isso nos aponta a uma fiscalização exacerbada a esse grupo em específico.

Porém, ao mesmo tempo em que essa fiscalização ocorria para restringir o cotidiano dessas pessoas, o mesmo não ocorria quando elas eram vítimas de violência ou assassinato. Para exemplificar essas atitudes, podemos observar uma notícia que descreve um suicídio de um indivíduo pardo. Ela conta:

No bairro de Jacutinga, município da Villa do Rio Bonito, suicidou-se no dia 3 do corrente o pardo Bento Aleixo, fazendo disparar uma pistola no estomago, aproveitando a carga inteira da arma de fogo, vindo a falecer vinte minutos depois. O cadáver foi conduzido a Villa e a auctoridade policial procedeu o auto de corpo de delicto. Ignora-se o motivo do acto de desespero. (O Botucatuense, 17 abr. 1898).

Embora existam na notícia elementos que nos levam a crer em um possível assassinato (“fazendo disparar uma pistola no estômago, aproveitando a carga inteira da arma de fogo, vindo a falecer vinte minutos depois.”), não há como fazê-lo, pois, nem o jornal ou a polícia demonstraram disposição em investigar as possíveis motivações que levaram Bento a cometer suicídio. O que podemos inferir, no entanto, é que há um claro desinteresse pela apuração desses fatos e pela própria vida de Aleixo.

¹⁰ Foram consultados também livros sobre a história da cidade para buscar se existiam outras ocorrências do termo (DONATO, 2008) (PUPO, 2002) (SILVA, 2004), e nada foi encontrado.



Há, no entanto, duas instâncias em que os negros são apresentados ao leitor, a partir de uma lente positiva: as festividades do 13 de maio e notícias sobre a Irmandade de São Benedito. É a partir delas que vemos uma maior organização política e religiosa dessas pessoas, além de sua inserção no cotidiano da cidade.

A celebração da abolição da escravatura era um evento recorrente em Botucatu, retratado nos três anos de análise dos periódicos, e foi o único que, de fato, protagonizava os negros da cidade. Mas, dadas as evidências de descaso e desinteresse frente aos negros pelo jornal, qual seria o interesse de Avelino Carneiro em dedicar um espaço a uma festa que não dizia respeito ao seu público-alvo? A possibilidade mais clara para essa pergunta nos aponta, novamente, às ideias liberais difundidas durante o início da república.

O movimento abolicionista contava com diversos representantes dos partidos liberais (MENNUCCI, 1938, p.156), como o próprio caso de Luiz Gama, importante advogado e negro que lutou contra a escravidão. E, como já foi apontado, o jornal de Avelino Carneiro era simpatizante dessas ideias, o que pode explicar esse espaço disponível em sua folha para noticiar as celebrações em Botucatu. Em 1897, passada a data comemorativa, o jornal noticiou:

Magníficas as festas que a 13 do corrente tiveram lugar n'esta cidade. Os homens de cor encarregados de anualmente promoverem estas festas, deram cabal desempenho a missão. Na igreja foi grande e até extraordinário o concurso de fieis. [...] A procissão foi uma das mais concorridas que temos visto ultimamente. Numerosos anjos e graciosas virgens cercavam os andores em que iam as imagens de S. Benedicto, Sant'Anna e S. Sebastião. A irmandade de S. Benedicto apresentou-se com todo o garbo. (O Botucatuense, 16 mai. 1897).

Através dessa notícia podemos observar dois movimentos distintos. O primeiro diz respeito ao tamanho da festividade e quem o protagonizava, o que como nos aponta Valente (2011, p. 206) mostra como o poder público permitia a expressão e participação de pessoas negras desde que estivessem de acordo com os princípios europeus, o que no caso, para além da questão republicana, dizia respeito também a fé católica. O segundo movimento, no entanto, reflete sobre a existência das Irmandades negras enquanto ferramentas de resistência (PEREIRA, 1984), o que transforma a igreja São Benedito em um foco dessa perseverança.

Um ponto importante sobre a Igreja de São Benedito diz respeito à sua localização. Ela ficava onde antes funcionara a primeira Matriz da cidade (DONATO, 2008), na atual praça do Paratodos, e foi cedida aos negros quando uma nova sede católica começou a ser construída



nas regiões mais altas da cidade. Esse momento foi capturado no jornal, e nos mostra que um gesto que em primeiro momento se mostra caridoso, também aponta em como, na realidade, os negros da cidade eram deixados à margem:

O Exo. Sr Bispo Diocesano [...] ordenou por portaria que a antiga matriz tenha como orago a S. Benedicto. O acto do Exo. Prelado da Diocese foi bem aceito pela irmandade de São Benedicto, a expensas da qual foram feitas as reformas de que carecia aquelle templo e vem tambem satisfazer aos instantes pedidos dos homens de côr, que com tanta dedicação e empenho têm-se empenhado na completa organização da Irmandade para que podesse administrar a sua igreja. Justissima a concessão do illustre Prelado. (O Botucatuense, 28 fev. 1897).

Por meio desse excerto, podemos perceber que houve uma organização de pessoas negras para primeiro, construir uma Irmandade na cidade e, segundo pleitear ao bispado por um espaço onde pudessem proferir a sua fé. Esse primeiro ponto demonstra como, apesar da falta de escolarização, os negros de Botucatu foram capazes de se reunir e exigir um espaço para si. Ao mesmo tempo, essa notícia também demonstra a pouca importância dada a essas pessoas pelo poder local, tendo em vista que os próprios custos pela reforma da igreja foram abarcados pela irmandade.

Além disso, através dos estudos de Hernani Donato, percebe-se que o estado da antiga matriz já se encontrava deteriorado desde a construção da nova, pois “em 12 de julho de 1886, diante do crescimento da população, mas principalmente do precário estado da matriz, o bispo de São Paulo, dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, baixou provisão autorizando a construção da nova igreja. Dessa vez, o templo deixava o terreno de onde assistira crescer a cidade. (DONATO, p.106, 2008).”

Uma outra importante participação da irmandade dizia respeito a Semana Santa da cidade, a qual acontecia aos finais de março e era composta por procissões, rezas e caminhadas de fé (O Botucatuense, 19 mar. 1899). Algumas missas eram realizadas na igreja de São Benedito, o que indica uma convergência de brancos e negros no espaço, embora não seja possível atestar se existiam visões contrárias a essa mistura.

Desse modo, vemos como *O Botucatuense* possuía duas posturas claras frente aos indivíduos negros de Botucatu. Os que não se encaixavam à norma republicana e cristã, de progresso e fé, eram taxados negativamente e deixados à margem. Somente quando adotavam posturas “brancas” é que ganhavam maior destaque nas páginas do jornal. Além disso, o



próprio poder local aderiu a essa visão, e punia os indivíduos que destoavam dessa norma, o que culminou em violência e exclusão.

Apesar desses fatores, os negros de Botucatu ainda eram capazes de construir suas vidas e participar do cotidiano local, possuíam momentos de lazer, sabiam como se organizar politicamente e lutaram por ocupar espaços referentes a sua fé e bem-estar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigar a vida das pessoas negras no período pós-abolição em Botucatu se mostrou um desafio tortuoso, pois poucas são as fontes que sobreviveram até o presente que tinham a preocupação de relatar ou descrever a vida dessas pessoas. A escolha do *O Botucatuense* se deu justamente por essa falta, pois como foi demonstrado, o jornal não os tinha como público-alvo, era produzido por uma classe que podia abarcar os custos de uma educação de qualidade e letrar-se. Ainda assim, foi possível tirar dele informações relevantes para construir uma imagem do que seria Botucatu no século XIX, e o que ela representava para as populações pretas e pardas.

Essa pesquisa não teve como propósito esgotar o tema, apenas perpassou por uma das visões possíveis acerca das culturas negras em Botucatu, e em um período muito específico, isso não dá conta de findar as buscas por mais fontes sobre como essas pessoas existiam frente a um mundo capitalista que, por um lado lhes dava liberdade e, por outro os segregava e violentava. Além disso, existem diversas possibilidades de investigação dentro do jornal de Avelino Carneiro, como a sociedade cafeeira de Botucatu, a visão do jornal sobre o sexo feminino, as noções higienistas presentes em suas colunas, além do próprio periódico poder ser utilizado como objeto de pesquisa, a fim de se estudar a imprensa local do período. O que se quer dizer é que, como tratado no início do artigo, as possibilidades da História Local enquanto abordagem se mostram numerosas, e muito pode-se compreender a respeito do presente a partir dela.

Ao tratar do presente, percebe-se que essas localidades e festividades dos negros também não sobreviveram ao tempo. Não há nenhum tipo de marco físico ou escrito que faça referência a existência da irmandade, bem não há nenhum tipo de monumento que faça menção à antiga Igreja São Benedito e a sua importância para essas pessoas. Nesse sentido,



essa pesquisa funcionou como um resgate a essas pessoas, de maneira que a população presente de Botucatu possa ver que a ocupação da cidade também perpassou a sua etnicidade, história e cultura.

AGRADECIMENTOS

Primeiro, gostaria de agradecer ao UNISAGRADO pelas possibilidades que me proporcionou dentro de minha graduação.

Agradeço também aos meus orientadores, Lourdes e Roger, não só pela paciência e dedicação que tiveram comigo durante a escrita desse trabalho, mas também enquanto mentores tão importantes na minha caminhada até aqui, onde finalmente me torno Historiador.

Aos professores Fabio e Flávia, também essenciais na minha construção dentro do curso. Obrigado a vocês quatro por serem tão apaixonados pela História, e por também conseguirem me cativar dentro dessa ciência, tão importante nos dias obscuros que temos vivido.

Ao Cauê, meu caro amigo e mestre jedi, o qual dividiu comigo as horas de pesquisa no Museu e no Centro, e que tanto me apoiou na escrita deste artigo. Essa pesquisa não seria metade do que é sem você.

Aos funcionários do Museu Pedagógico e do Centro Cultural de Botucatu, por fazerem parte da linha de frente no resguardo da história de nossa cidade e tudo o que ela pode oferecer.

As amigas que fiz dentro do curso, como a Gabriela, Samira, Lara e Gabriel. Cada um de vocês me inspira e tenho o maior orgulho de estar me formando ao lado de vocês.

As pessoas com as quais guardo com enorme carinho como a Amanda, Giovanna, Erik, Alan, Milena, Lucas, Aline, Rafael e Carol. Obrigado por sempre estarem comigo e por todo o apoio, espero poder tê-los sempre em minha vida.

E, finalmente, à minha mãe, que nunca desistiu de mim e sempre foi capaz de me dar incentivo, amor e carinho. Não há ser humano mais importante no mundo para mim, e tenho o maior orgulho de ser seu filho.

FONTES CONSULTADAS



O Botucatuense, 10 jan. e 17 jan.; 7 fev. e 28 fev. 1897.

O Botucatuense, 17 abr. 1898.

O Botucatuense, 8 jan. 1899; 19 mar. 1899.

O Botucatuense, 4 fev. de 1906.

REFERÊNCIAS

BARROS, João D'Assunção. **A história social: seus significados e seus caminhos**. LPH: Revista de História da UFOP. Ouro Preto. n 15, 2005.

BLOCH, March. **Apologia da história: ou ofício do historiador**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CIACCIA, Paulo Pinheiro Machado. **A freguesia de Botucatu e os oragos: Nossa Senhora Sant'Anna ou Nossa Senhora das Dores?** 1. ed. Botucatu: Diagrama, 2018.

CREDDO, Maria do Carmo Sampaio Di. **Terras e índios: a propriedade da terra no Vale do Parapanema**. 1. ed. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.

DONATO, Hernâni. **Achegas para a história de Botucatu: volume I**. 4. ed. rev. Botucatu: CopyGráfica, 2008.

FLORENTINO, Manolo. **Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

GODOI, L. C. O. **Botucatu e a expansão do ensino na Primeira República: história do Grupo Escolar Dr. Cardoso de Almeida (1895-1920)**. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2009.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. **O jornal impresso como fonte de pesquisa: delineamentos metodológicos**. Alcar. Porto Alegre, 2015.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanesi. **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2018.

NEVES, Joana. **História local e a construção da identidade social**. Saeculum, João Pessoa. p. 13-27, 1997.

PEREIRA, João Baptista. **A cultura negra: resistência de cultura a cultura de resistência**. Dédalo, MAE/USP, n. 23, p. 177-188, 1984.



PUPO, Trajano C.F. **Botucatu Antigamente**. 1. ed. Itu (SP): Ottoni, 2002.

SILVA, Cesar Mucio. **Processos-crime: escravidão e violência em Botucatu**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TV UFS. **Os jornais como fontes de pesquisa histórica**. Youtube, 25 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i-X0cvfpvuE>>. Acesso em: 14 out. 2021.

VALENTE, Ana Lúcia Eduardo Farah. **As irmandades de negros: resistência e repressão**. Horizonte, Belo Horizonte, v. 9, ed. 21, p. 202-219, 2011.